

AVISO A UM PACATO CIDADÃO

toma cuidado com essas crianças sujas esfarrapadas e remelentas
elas são falsas e traiçoeiras
apenas querem de ti o relógio que trazes no pulso
(atenção aos pedintes que te esperam nos semáforos)
bem como as jóias e os dólares que guardas em casa

se os vires por perto pega na arma que escondes na gaveta das
camisas

e deixa-a carregada
porque essas crianças não merecem compaixão
elas não sentem nem pensam nem vivem como tu
de dia como matilhas de cães vadios rondam a tua porta
farejando e fungando
e de noite agitam-se em sonhos de comida e de roupa
(ora convenhamos que esses sonhos são ridículos e comezinhos)

não deixes que elas se aproximem dos teus filhos naqueles
domingos

de sol em que os levas a brincar no parque
toma cuidado porque esses pequenos bastardos têm chagas
abertas pústulas supuradas vermes e sífilis
metem nojo e fedem ao longe

se alguma vez topares com uma dessas crianças deitada na rua
agonizando de fome
não chames o rabeção
chama o caminhão do lixo
porque o lugar de bichos mortos é no aterro sanitário
e se o prefeito da tua cidade for um homem esclarecido
ele haverá de ter contratado o engarrafamento e a distribuição
do gás produzido no aterro

se assim for
esses moleques sarnentos que andam por aí ainda poderão
ser-te úteis

pois ao menos
depois de mortos
servirão para acenderes o fogão e nele preparares a tua comida
para que depois do almoço deixes crescer a barriga
dormindo
e arrotando de fastio

—oOo—

A Ana espalhou retratos pela casa inteira: no aparador, nas
estantes,
na mesa do som, nas gavetas (guardados em caixas de
sapatos).

São retratos de irmãs, irmãos, tias velhas, cunhados, sobrinhos,
avós, primos, amigos.

São retratos nossos, quando jovens, e não sabíamos que nos
encontraríamos.

São retratos de formaturas, de jantares, de casamentos, de
batizados
— e outros são instantâneos tirados ao acaso na rua,
na porta da casa, na praia, na varanda de um apartamento
já antigo.

Talvez ela queira com isso diminuir a ausência
e, assim, adiar a morte de quem está longe
(porque raramente morre quem está perto).

Mas não há retratos que diminuam a ausência.

A ausência diminui-se por si mesma.

No começo sente-se a falta, como de uma unha quebrada,
depois deixa de doer,
e por fim é quase nada
(apenas uma diferença).

Os retratos que a Ana espalhou pela casa vão-se tornando numa
decoreação de interior.

Com o tempo, eles perdem a cor.
Eles não doem.